

Conclusão

Sem dúvida os aspectos que poderiam ser explorados nessa extensa série de crônicas não se esgotam neste trabalho. A coluna *Cinematographo* ainda guarda muitos segredos, que aqui foram apenas em parte revelados. Aliás, apesar dos recentes estudos, há muito o que descobrir na obra de Paulo Barreto, principalmente naquilo que ficou guardado nas páginas dos jornais, sem nunca ter alcançado a perenidade proporcionada pelo livro.

Por ora, retomando as principais questões abordadas neste trabalho, podemos afirmar que, em primeiro lugar, a passagem de uma imprensa artesanal para a empresarial e o seu desenvolvimento técnico na primeira década do século XX, criaram as condições necessárias à profissionalização dos literatos, que, além de garantirem sustento, viram seu público crescer à medida que as tiragens dos jornais aumentavam. Em segundo lugar, o processo de modernização em curso, que envolvia tanto a remodelação urbana quanto a inserção de novos aparatos técnicos, transformou a produção literária que, além de representar as novidades do tempo, ganhava novos contornos ao se confrontar com os novos meios de reprodução.

Esse literato que se aproxima do público pelo jornal e esse texto literário renovado aparecem então como instrumento e como meio reflexivo das inquietações dos habitantes da cidade. O escritor é parte da sociedade e divide com ela as angústias e as esperanças do tempo vivido, tematiza o momento histórico em que vive, interpreta-o e devolve ao público um texto que funciona como um elemento de compreensão e de conformação diante do que ainda se apresentava como indecifrável.

Nesse sentido, a coluna *Cinematographo* é exemplar. Sua publicação coincide com o auge da carreira de um escritor que, desde o início, fez do jornal o principal suporte de seus textos. Coincide também com um momento em que a *Gazeta de Notícias* já é uma empresa sólida e na vanguarda do desenvolvimento técnico da imprensa. O próprio título da coluna já aponta para o desejo de seu autor em confrontar o texto literário com os aparatos técnicos que são uma das manifestações das novidades que invadem as ruas e os lares do Rio de Janeiro naquele momento. Tanto na forma quanto na matéria das crônicas que escreveu, Joe buscou incorporar os aspectos característicos de seu tempo. Publicada aos domingos, levava ao leitor o dia-

a-dia da cidade visto pela lente do cronista. Todas essas características da coluna reforçam a sua profunda importância simbólica quando tratamos da produção literária da *Belle Époque* carioca.

Uma reflexão mais global sobre o presente trabalho aponta ainda para algumas outras questões. A primeira delas refere-se às surpresas que a prática elementar do historiador de ir às fontes e aos arquivos pode revelar. Neste caso, a constatação de que a série de crônicas assinada por Joe na *Gazeta de Notícias* não tem uma relação direta com o livro que leva o mesmo nome, ao contrário do que boa parte dos críticos de João do Rio parecem acreditar. Trabalhar com a série completa permitiu o gosto da aventura de quem se lança por um território que, ainda que não totalmente desconhecido, parece não ter sido ainda mapeado.

A leitura dessas crônicas me proporcionou ainda outra descoberta. Como jornalista empreendendo a primeira viagem ao mundo dos historiadores, descobri que a imprensa pode ser mais que a novidade do dia anterior, tornando-se um registro perene e uma possibilidade de acesso a um tempo diferente do nosso, um outro tempo, que mesmo distante nos faz refletir sobre o nosso próprio tempo vivido.

Nicolau Sevchenko, no texto de abertura do livro *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*, compara a experiência de andar neste brinquedo com o ritmo do desenvolvimento técnico. Segundo o autor, do século XVI até meados do século XIX o mundo viveu a fase da ascensão contínua, metódica e persistente até que a Revolução Científico-Tecnológica, por volta de 1870, trouxe a queda vertiginosa na qual perderam-se “as referências do espaço, das circunstâncias que nos cercam e até o controle das faculdades conscientes”.¹ É justamente deste período que trata este trabalho, época de euforia e de dúvida diante das grandes transformações possibilitadas pela aplicação da técnica aos aparatos presentes no cotidiano dos indivíduos.

E hoje vivemos o loop, a parte mais intensa e extrema do percurso diante da qual ficamos paralisados ao invés de reagir. Tudo nos parece natural. Mas a “crítica é a contrapartida cultural da técnica, modo da

¹ SEVCENKO. 2001. p. 15

sociedade dialogar com as inovações”.² Talvez nessa virada de século tenhamos o que aprender com aquela em que olhava-se com encantamento e perplexidade, otimismo e temor para o novo mundo que então se apresentava.

² IDEM. Ibidem. p. 17